

APRESENTAÇÃO

As guerras ‘mundiais’ e o inacabável legado colonialista do Norte Global

Um dos textos incluídos no presente volume faz referência ao “Discurso sobre o colonialismo”, do escritor e político martiniquense Aimé Césaire (1913-2008). Escrito em 1950 a propósito do debate intelectual posterior à Segunda Guerra Mundial — frase citada é a de Theodor Adorno em relação a que escrever poesia depois de Auschwitz seria barbárico¹ —, Césaire realiza o exercício incômodo mas necessário de colocar em perspectiva global e histórica os horrores do conflito bélico recém acabado. O nazismo, diz o poeta, não é um fenômeno isolado, uma barbárie fugaz já extinta pelas armas e as bombas dos aliados, senão uma agressão da humanidade contra uma parte dela mesma gestada e aceita durante séculos pela civilização ocidental. O que o nazismo tem de diferente para o burguês cristão e humanista do século XX, “o que [ele] não perdoa a Hitler”, explica Césaire (1978, p. 18), “não é o *crime* em si, o *crime contra o homem*, não é a *humilhação do homem em si*, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado à Europa processos colonialistas a que até aqui só os árabes da Argélia, os ‘coolies’ da Índia e os negros de África estavam subordinados”².

Essas palavras parecem recobrar particular validade no início de 2022, momento em que o planeta mais uma vez observa uma guerra entre países europeus — sendo já considerada como uma possível terceira guerra mundial. Isso porque a dor maior que provoca a guerra presente, segundo afirmam candidamente políticos e jornalistas da Europa e os Estados Unidos, é o fato de ver europeus ‘civilizados’ de feições caucásicas convertidos em migrantes e refugiados ao igual que as pessoas de países ‘em desenvolvimento’. A imagem que a própria imprensa do Norte Global difunde sobre os chamados países ‘em desenvolvimento’ é a do caos, a guerra, a diáspora e a precariedade — como se fossem condições intrínsecas de certas regiões, raças ou culturas. Tais conflitos não são nunca colocados em contexto histórico para examinar a responsabilidade das próprias potências do Norte Global nos problemas políticos e económicos dos países ‘em desenvolvimento’, a maioria dos quais — senão todos — foram objeto de pilhagens colonialistas ou neocolonialistas, e de governos títeres de poderes forâneos.

¹ No ensaio “Cultural Criticism and Society” (1949).

² CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

Assim, as palavras de Césaire obrigam-nos a interrogar quanto mudou o mundo desde 1950 até hoje. A globalização, ao que parece, tem servido muito mais para que alguns façam circular seus capitais pelo planeta, e muito menos para minar os preconceitos de aqueles que o Norte Global considera seus *outros*.

Mas vamos ainda mais longe. Em 1900, durante a primeira Conferência Pan-Africana realizada em Londres, o sociólogo estadunidense W. E. B. Du Bois afirmava que o problema do século XX era o problema da linha de cor. Du Bois, o primeiro afrodescendente em obter um título de pós-graduação na Universidade de Harvard, utilizou a sua posição acadêmica para denunciar a segregação que observava na sociedade estadunidense depois da abolição. Nos albores do século XX, quando a maior parte das Américas tinham se emancipado das metrópoles coloniais e tentavam entrar no caminho do progresso, Du Bois considerava paradoxal o fato dos povos que diziam serem civilizados, segregarem racialmente a parte dos seus cidadãos. Para ele a segregação constituía, sem dúvida, um ato bárbarico.

Sabemos que a moral dupla da civilização ocidental não é um fenômeno recente. O horror perante a desumanização e a desvalorização da vida provocadas por agressões como as guerras, continua a ter — inclusive no século XXI — um viés de raça, uma linha de cor. Essa moral dupla exibida em semanas recentes faz lembrar aquelas campanhas abolicionistas do século XIX, as quais difundiam fotografias de crianças ‘brancas’, mas escravizadas por terem uma mãe escrava afrodescendente, com o objetivo de amolecer corações em relação às injustiças da escravatura.

Nestes dois anos de pandemia, muitos pensamos que já tínhamos visto o pior do nosso presente globalizado e da mesquinha de alguns governos perante essa catástrofe. Mas não contávamos ainda com a possibilidade de uma nova ameaça nuclear. Os percursos históricos da humanidade ‘civilizada’ nunca deixam de surpreender e, certamente, qualquer agressão da humanidade contra qualquer parte dela mesma — sem importar cor, gênero, cultura, lugar geográfico, religião — é imensamente condenável. Contudo, o cenário atual põe em manifesto outro fato igualmente condenável, isto é que, para muitas e muitos, *o mundo* continua a ser *o mundo* ‘civilizado’ pois os conflitos causados por ataques de índole imperialista, econômica ou geopolítica em regiões do planeta diferentes da europeia ou estadunidense não provocam o mesmo horror. São, em vez disso, considerados intrínsecos a geografias *remotas* — para quem? — e a raças mais escuras. Entre o *nós* e os *outros*, o Norte Global ainda imagina o abismo que separa a civilização da barbárie — noções que parecem continuar atrapalhadas no *loop* tautológico do pensamento ilustrado. Mais outra vez Césaire tem razão quando diz “que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização — portanto, a força — é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida” (CÉSAIRE, 1978, p. 21).

Quanto mudou o mundo desde os meados do século XX testemunhados por Césaire? Ou desde esse 1900 criticado por Du Bois? Ou, inclusive, desde as campa-

nhas abolicionistas do século XIX? Quantas guerras aconteceram *no resto do mundo* desde 1945 até hoje? Quantas guerras *mundiais* ou massacres *mundiais* ocorreram antes de 1939 ou de 1914 — começos das chamadas guerras mundiais? Na verdade, isso parece não ter importância nenhuma para aqueles que tanto no passado quanto no presente têm tido o poder de decidir os destinos do planeta. Atravessamos um momento no qual parece necessário continuar a insistir — mesmo desde os espaços restringidos duma academia localizada nos bordos da modernidade — na relevância dos saberes e das experiências das sociedades pós-coloniais do Sul Global. Não só para lembrar todas essas massacres e guerras coloniais e neocoloniais que afetaram e continuam a afetar *ao resto do mundo*, mas também para visibilizar suas intermináveis e horrorosas sequelas — o que no começo descrevemos como o incabível legado colonialista do Norte Global.

Gostaríamos de concluir essa reflexão comentando brevemente os textos que compõem o dossiê que apresentamos no número 53 da *Itinerários*. Em “Literaturas pós-coloniais e literaturas de fluxos migratórios: Diferenças, confluências, continuações”, Dionei Mathias reflete sobre diferenças, confluências e continuações na construção das narrativas de representação desses dois contextos literários, com foco em dinâmicas sociais em torno de nação e poder, de identidade e intersecções e de língua e percepção. Segundo o autor, as literaturas pós-coloniais e as literaturas de fluxos migratórios têm em comum um posicionamento às margens das produções hegemônicas, tanto no âmbito da literatura como no da crítica literária. Embora suas afiliações e seus projetos discursivos sejam diferentes, compartilham questionamentos, inquietações e o esforço por inovação das narrativas que configuram a realidade social em que circulam. No artigo “Intelectuais itinerantes, espaços pós-coloniais: rupturas, mediações, subversões na obra *A Ilha da chuva e do vento*, de Simone Schwarz-Bart”, Gislene Teixeira Coelho desenvolve uma leitura da experiência da diáspora negra como um catalizador de mudanças na relação homem-terra-identidade. A autora cataloga nomes emblemáticos de estudiosos da diáspora negra, articulando-os com a obra *A ilha da chuva e do vento*, as quais, em conjunto, esboçam uma contranarrativa aos conceitos de nação e de identidade nacional, trazendo, em contrapartida, uma flexibilização das referências espaciais e identitárias.

Por sua vez, Isabela Christina do Nascimento Sousa e Aldinida Medeiros propõem, no artigo “O olhar cruzado: gênero e raça na construção da alteridade do sujeito colonial em ‘The Nuisance’, de Doris Lessing”, mostrar como o olhar do narrador, que ocupa a posição de colonizador, constrói a alteridade do sujeito colonial buscando expor, ao mesmo tempo, como o gênero age na construção das diferenças entre o homem e a mulher negra dentro da narrativa. Em “*The nuisance*” (2014), conto da iraniana Doris Lessing que faz parte da coletânea *African Stories* (2014), o sujeito colonizado é determinado por fora, pelo olhar de um Eu colonizador que lhe atribui características selvagens e o descreve na maioria das vezes por intermédio

de comparações com animais. Em “Noémia de Sousa: ética e estética em uma voz plural”, Luciana Brandão Leal analisa a obra *Sangue Negro* (2001) a partir de discussões sobre ética e estética baseadas em proposições de Schiller, Valcárcel, Walty e Fanon, para analisar pretensões político-ideológicas que ecoam na voz plural da escritora moçambicana. Noémia de Sousa é uma das vozes precursoras da moderna poesia do seu país: seus poemas questionam as estruturas sociais, a repressão contra a mulher e, sobretudo, o processo de independência e libertação política dessa ex-colônia portuguesa. No contexto da “nova poesia moçambicana” de meados do século XX, a escritora inaugura uma dicção própria, influenciando profundamente seus contemporâneos.

Rodrigo da Rosa Pereira, em “Literatura e minorias étnico-raciais no Canadá: por uma pedagogia pós-colonial crítica”, sugere um caminho reflexivo como estratégia de acesso a uma época relativamente ignorada nos manuais histórico-literários. Particularmente voltado à discussão das questões étnico-raciais na educação literária, o autor busca fornecer subsídios para o entendimento da literatura pós-colonial na sua interface com as relações pedagógicas, diante da marginalização nos currículos e da ausência no cânone da produção literária dos grupos minoritários do país norte-americano. O artigo “Volta às origens: *Mondo*, de J. M. G. Le Clézio, e a ressignificação da ordem vigente”, de Felipe Guimarães Goncalves, analisa a novela *Mondo*, que integra a coletânea *Mondo et autres histoires* publicada por Jean-Marie Gustave Le Clézio em 1978. O artigo se enfoca nas experiências vividas pelo protagonista da novela, que questionam e ressignificam a cultura eurocêntrica. Com apoio das reflexões de Bhabha, o autor observa que Le Clézio traz influências de culturas de povos que foram silenciados no passado, notadamente a cultura indígena, para valorizá-las no tempo presente. Percebe-se, portanto, que o protagonista, insatisfeito com a cultura eurocêntrica, vive, assim como povos originários, em perfeita união com a natureza.

Por sua vez, Luiz Fernando Ferreira Sá analisa, em “The list effect in Julian Barnes’s Flaubert’s parrot: receding material realities”, o romance *O Papagaio de Flaubert*, de Julian Barnes. Segundo assinala o autor, o romance está enterrado na (inter)textualidade e coberto por palavras em acumulações e enumerações porque a coisa/cena inteira é uma assombração interminável, uma sobrevida inescapável e uma incognoscibilidade inexorável do mundo. Finalizando o dossiê, Rosângela Sarteschi apresenta o artigo “Memórias em conflito em *Essa dama bate bué!*, de Yara Monteiro”, onde analisa esse romance da escritora afro-lusitana centrado na trajetória de Vitória, uma angolana neta de um assimilado e uma portuguesa que vive em Lisboa com os avós maternos retornados, que busca pela mãe, uma combatente envolvida nas lutas de independência de Angola. Sarteschi parte da tese de que, se a independência enquanto mito reorganiza a narrativa colonial, já consolidada a nação independente os discursos erigidos expõem novas articulações ideológicas que problematizam aspectos da nova face nacional.

Na seção VARIA, Rafael Rossi e Aline Santana Rossi abordam, no artigo “*Ilusões perdidas: educação e realidade*”, a importância da compreensão dos vínculos entre arte e educação escolar tendo como parâmetro algumas elaborações lukacsianas. A arte e a educação são, nesse sentido, complexos sociais que se determinam reciprocamente junto à totalidade social. Além disso, os autores tratam das potencialidades analíticas do texto em tela e sua relevância na formação de professores.

Na Seção ENTREVISTA, Mónica González García conversa com Patrícia Lino, uma artista portuguesa intermedial, anticolonial e feminista, e professora de literatura e cinema luso-brasileiros no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. A entrevista é sobre o lançamento *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*, obra interativa e lúdica que convida a interlocutoras e interlocutores a rir-se das estratégias dos sujeitos imperiais que ainda tentam justificar essa versão da História que narra o colonialismo como um projeto civilizador. A conversa sugere que, mesmo que o livro critique especificamente as reminiscências do colonialismo português, a proposta lúdica é capaz de convidar a muitas sujeitas e sujeitos pós-coloniais a usar o humor como mecanismo descolonizador.

O volume se encerra com duas resenhas críticas. Francisco Fontes resenha a obra “O diabo foi meu padeiro”. Trata-se de uma obra do escritor e músico cabo-verdiano Mário Lúcio Sousa, publicada em finais de 2019 para assinalar os 45 anos do encerramento do presídio de presos políticos do Tarrafal. O Campo de Concentração teve duas fases, com as designações de Colónia Penal do Tarrafal (para portugueses) e de Campo de Trabalho de Chão Bom (para angolanos, guineenses e cabo-verdianos). Atualmente é um museu evocativo da resistência antifascista e da luta contra o colonialismo português. Finalmente, Anelise de Freitas resenha O livro *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*, da portuguesa Patrícia Lino. Como diz Freitas, a escrita de Patrícia Lino insere-se além da linguagem verbal, pensando de maneira muito íntima a multimedialidade no seu processo criativo. Basta-nos uma breve revisão sobre sua produção literária para compreender que seus trabalhos incorporam outras frentes e que dificilmente poderíamos definir seus projetos no campo da literatura simplesmente como uma escrita.

Esperamos que esta segunda entrega do dossiê sobre literaturas pós-coloniais estimule novas reflexões sobre as muitas formas de colonialismo que ainda persistem no mundo contemporâneo.

Mónica González García
Natali Fabiana da Costa e Silva
Paulo César Andrade da Silva